

## UM OLHAR OUTRO

Vamos continuar hoje o tema da semana passada sobre a Inquisição. Acabamos a falar dos historiadores actuais que põem em causa toda a interpretação da Inquisição, tal como nos vinha a ser contada. Vamos agora dedicar a nossa atenção para as mortes, a tortura, a bruxaria. Deixaremos para os números seguintes o olhar sobre a heresia, os marranos, mouriscos, luteranos, a sexualidade e a queima de livros, temas que antecederam a Conclusão do capítulo 6. Sobre as mortes às mãos da Inquisição diz o historiador Rodney Stark:

«A expressão 'auto de fé' não significa execução nem, muito menos, queimar na fogueira mas, mais exactamente 'acto de fé'. Os inquisidores preocupavam-se muito mais com o arrependimento dos acusados do que na sua condenação e, portanto, um 'auto de fé' consistia em os condenados por diversos pecados se apresentarem na praça de uma cidade, reconheciam publicamente a sua culpa e, desse modo, se reconciliavam com a Igreja. Só em muito raras excepções o auto de fé terminava na entrega do acusado à autoridade civil para que esta o executasse (a Inquisição nunca levou a cabo por si mesma uma execução). Mesmo assim, os autos de fé não foram frequentes. Em Toledo, entre 1575 e 1610 foram celebrados apenas 12 autos de fé, 'aos quais se apresentaram 386 acusados'. Evidentemente, os relatos que falam de queimadas massivas semanais por toda a Espanha não passam de fantasias mal intencionadas. Daí que nos perguntemos: quantos morreram de facto?»

E responde o autor: «Quanto aos primeiros cinquenta anos de actividade da Inquisição, temos poucas informações, mas os historiadores estão agora de acordo em que se trata da época mais sangrenta da história do tribunal e que o número dos executados poderá chegar talvez a 1500 pessoas, isto é, aproximadamente 30 por ano. Quanto ao período em que estamos melhor informados, dos 44.674 acusados, apenas 826 foram executados, isto é 1,8% dos levados a tribunal. No total, portanto, durante todo o período inquisitorial, que vai de 1480 a 1700, a Inquisição ditou umas dez sentenças de morte por ano em toda a Espanha, uma pequena percentagem se a compararmos com muitos milhares de luteranos, lolardos (pregadores liderados por John Wycliffe) e católicos (além de duas das suas esposas) que Henrique VIII de Inglaterra tem fama de ter escaudado, queimado, decapitado ou enforcado. Depois, no século seguinte (1530-1630) a média de enforcados em Inglaterra foi de 750 por ano, em muitos casos por latrocínios menores. Ao contrário dos sentenciados à morte pela Inquisição espanhola, que foram poucos e geralmente reincidentes que não queriam arrepender-se».

Quanto à tortura, Stark denuncia como a maior mentira de todas que «nas prisões e câmaras de tortura da Inquisição morreram muitos mais pobres homens que aqueles que sobreviveram tempo suficiente para serem, depois, levados à fogueira». E continua: «Todos os tribunais da Europa utilizaram a tortura, mas a Inquisição fê-lo numa medida *muito menor* que outros tribunais. Primeiro, porque a legislação eclesiástica limitava a tortura a uma sessão que não podia durar mais de 15 minutos, e não podia pôr-se em perigo nem a vida do réu, nem qualquer um dos seus membros. Também não era permitido derramar sangue (...). Thomas Madden calculou que os inquisidores só recorreram à tortura em aproximadamente 2% dos casos que passaram pelo tribunal. Mais ainda, muitos estudiosos estão de acordo em que os cárceres da Inquisição foram os mais confortáveis e humanos da Europa (...). Contrariamente ao que a lenda negra diz, a Inquisição fez escasso uso da fogueira, raramente torturou a um acusado e manteve as prisões geralmente limpas». Falemos da bruxaria, que esteve na moda na Europa: as estatísticas reportadas aos anos de 1450 e 1700 estão claramente inflacionadas. Chega-se a falar de 9 milhões de pessoas, comparando-se com o holocausto e até atribuído ao celibato dos padres «uma furiosa campanha de vingança e de aniquilação contra as mulheres». E até se espalhou a ideia de que a caça às bruxas só terminou com o aparecimento do Iluminismo. O que o nosso autor tudo refuta: «A caça às bruxas alcançou o seu ponto culminante *durante* o Iluminismo» com vários autores de renome a justificarem-na e fala-se de milhares de mulheres condenadas, número que actualmente é posto em causa, falando-se em mil vítimas durante três séculos. Num século (1540-1640), tido como o de maior caça às bruxas na maior parte da Europa, a Inquisição de Aragão, uma das duas que funcionavam em Espanha, só executou doze pessoas por «superstição e bruxaria». E acrescenta que «um historiador tão descaradamente anti católico como Henry C. Lea (1825-1909) esteve de acordo em que a caça às bruxas 'se tinha levado a cabo de forma comparativamente inócua' em Espanha, e que isto «se ficava a dever à sabedoria e firmeza da Inquisição».

P. Abílio Cardoso



## TODOS OS SANTOS

As Igrejas do Oriente foram as primeiras a promover uma celebração conjunta de todos os Santos. No Ocidente, foi Bonifácio IV a introduzir uma celebração semelhante no ano 610, quando dedicou a Nossa Senhora e a todos os mártires o Panteão de Roma.

Num tempo de Outono, em que estão a cair as folhas das árvores e a luz dos dias é cada vez menor, a Igreja anuncia a todos uma mensagem de vida nova e de luz eterna. Convida-nos a contemplar todos os Santos que, tendo seguido fielmente a Cristo ressuscitado, vivem de outra forma, numa Primavera sem fim.

## FIÉIS DEFUNTOS

A comemoração de todos os Fiéis Defuntos nasceu naturalmente em ligação com o dia anterior. O dia chama-se Preparando visita Pastoral e Crisma e assumindo a liturgia dos Santos aos fiéis Defuntos -se Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, isto é, daqueles e daquelas que morreram na esperança da ressurreição, mas que esperam ainda a purificação total para poderem contemplar a Deus face a face.

Defuntos são os que deixaram a sua «função», a sua actividade terre-na. Não deve usar-se a palavra «finados» pois tem um sabor pagão. Seria como dizer que, os que morreram, chegaram ao fim de tudo quanto é vida.

Esta Comemoração começou no ano 998 e depressa se generalizou por muitas Igrejas. Bento XV, em 1915, ordenou que a Comemoração dos Fiéis Defuntos se fizesse em toda a Igreja.

Ao fazermos esta Comemoração depois do dia de todos os Santos, unimo-nos a todos os cristãos que já terminaram a sua peregrinação neste mundo, a começar pelos que, purificados, já vivem no Paraíso.

P. Armindo, In Rumo e Acção, nº 1562



# Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XVI - Nº 44 - 01 de Novembro de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

## Santidade nos que se deixam habitar por Deus

À frente de nós, milhares de gerações procuraram Deus. E deixaram-nos traços das suas procuras. No presente, nós seguimos os seus passos. Certamente com iguais dificuldades, mas mais ricos de esperança porque, no nosso olhar a História, vemos a confirmação de que a vida sem fé perde dignidade e de que o nosso presente tudo tem a ganhar quando aspira a uma glória, que nos foi prometida e nos é garantida.

Na Solenidade de Todos os Santos, a Igreja convida-nos a reconhecer a Santidade que habita o nosso mundo, em tantos irmãos que se cruzam connosco e que, no meio das mesmas dificuldades que nos atingem, são capazes das boas escolhas: aquelas que nos desprendem de nós mesmos para avançarmos na confiança depositada em Outro, em Deus.

Vale bem a pena saborear o texto do Apocalipse (7, 2-4, 9-14), todo ele uma provocação a sairmos das nossas medidas apertadas para contemplarmos um horizonte alargado de felicidade prometida. De facto, somos esta «multidão» (o número simbólico de 144 mil, que olha para o povo de Deus do antes, as 12 tribos de Israel, e do depois, os baptizados, redimidos por Jesus), que segue na esteira dos 12 apóstolos do Cordeiro, olhando para o Céu. Sim, o Céu, como coroa do viver na terra, está preparado para todos, porque Deus a todos chama para O vermos face a face, como refere S. João (1 Jo, 3, 1-3). Vale a pena saber-se membro da «geração dos que procuram o Senhor» (Salmo 23). Vale a pena viver inquieto com as nossas escolhas, tendencialmente para as coisas terrenas, mas sempre insatisfeitos porque o coração não se contenta nunca com elas e nos desperta para as «coisas maiores, as celestiais».

Olhamos, então, para o Sermão da Montanha, em que Jesus proclama as «bem-aventuranças» e apresenta um caminho diferente para a felicidade desejada. Começemos por reparar que o discurso de Jesus se situa no alto da montanha. E se dirige apenas àqueles que tiveram a ousadia de aceitar o convite do Mestre a subir. Se todos foram convidados, nem todos quiseram aceitar o «custo» de subir. Mas os que aceitaram estão já, à partida, capazes dos contrastes que a palavra de Jesus apresenta. Os felizes ou bem-aventurados estão onde nós não procuramos, porque

também nós, como os de outrora, estamos «agarrados mais às coisas da terra». Por nove vezes o texto de Mateus (5, 1-12) fala dos «felizes», aqueles que estão centrados na «Misericórdia», o grande atributo de Deus.

Teremos nós a coragem de reconhecer que os santos, canonizados ou não, no passado e no presente, que admiramos, uns porque conhecemos a sua história de vida e outros, os que se cruzam connosco e nos «perturbam» pela vida de santidade, de honestidade e de verdade que lhes reconhecemos?

«Separado de si mesmo, eis a surpreendente identidade de Deus! Separado de si mesmo, isto é, não agarrado ao seu mundo divino e dourado para o defender ciosamente (Fi, 2, 6). Ao contrário, o nosso Deus é um Deus que sai de si por amor, para, por amor, vir ao nosso encontro» (D. António Couto). Assim, também os santos, todos os santos, são-no porque se «separaram dos seus projectos, gostos, família, amigos, coisas, e se entregaram de alma e coração aos seus irmãos» (idem).

Estamos todos a caminho, numa via de Santidade, ao encontro da glória de Deus, no Céu. Vale a pena repetir a interpelação de D. António Couto: «porque será que os Santos se esforçaram tanto, e com tanta alegria por serem pobres e humildes, e nós nos esforçamos tanto, e com tristeza quanto baste, por sermos ricos e importantes?»

O Prior - P. Abílio Cardoso



«Esperamos que os jovens e adultos, a quem o Senhor continua a chamar, não tenham medo e saibam responder com alegria e generosidade». O bispo de Aveiro afirmou, que a Igreja olha para os adolescentes e jovens «com esperança, confiança e amor». A «opção pela vida sacerdotal exige uma fé corajosa».

## PEDITÓRIO PARA OS SEMINÁRIOS

As ofertas recolhidas no próximo fim de semana, ao terminar a Semana dos Seminários, serão enviadas para os Seminários diocesanos, como colaboração de todos na formação dos futuros padres.

Agradece-se a generosidade... no espírito da viúva do Evangelho.

## ORAÇÃO PELOS SEMINÁRIOS 2020

Senhor Jesus, filho muito amado do Pai, envia a força suave do Espírito para que desperte em todos nós a decisão de irmos ter contigo para Te seguir. Dá aos seminaristas amor à vocação e a graça do compromisso de fidelidade ao Evangelho.

Faz dos nossos seminários comunidades de discípulos, onde se vive a fraternidade mística.

Confirma nos dons do Espírito Santo os formadores;

Recompensa e abençoa os benfeitores; Ampara o nosso Bispo e os nossos párocos, para que sejam sempre fiéis ao dom do seu sacerdócio.

Que o Teu olhar desperte a generosidade e a coragem dos jovens para Te seguirem. Concede às nossas famílias a ousadia de Te proporem como caminho, verdade e vida.

Senhor Jesus, com a intercessão de Maria, Tua e nossa Mãe, dá à Igreja, felizes e santas vocações sacerdotais. Amen!

**A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO**  
**XXXI DOMINGO DO TEMPO COMUM - TODOS OS SANTOS**

**Guardai-me na vossa paz,  
 Senhor**

**SEGUNDA, 2 – Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos**

Leituras: Is 25, 6a-7-9  
 1 Tes 4, 13-18  
 Jo 6, 51-58

09.00 (Senhor da Cruz): Manuel Rodrigues Ferraz e esposa  
 15.30 (Terço): José Álvaro da Silva e esposa  
 19.00 (Matriz): Familiares de Francisco Sá Cruz

**TERÇA, 3 – S. Martinho de Porres**

Leituras: Filip 2, 5-11  
 Lc 14, 15-24

09.00 (Senhor da Cruz): Maria Rosas Gonçalves e familiares  
 19.00 (Matriz): Maria Luísa Sousa Nunes e familiares

**QUARTA, 4 – S. Carlos Borromeu**

Leituras: Filip 2, 12-18  
 Lc 14, 25-33

09.00 (Senhor da Cruz): P. Manuel Ferreira de Araújo e irmã Ermelinda

15.30 (Terço): Almas do Purgatório  
 19.00 (Matriz): Em honra de São José e pelos moribundos e agonizantes

**QUINTA, 5 –** Leituras: Filip 3, 3-8a  
 Lc 15, 1-10

08.00 (São José): Aurora, Maria de Jesus e Alberto Martins  
 09.00 (Senhor da Cruz): M.ª Olívia Pinheiro Cunha, marido e neto  
 15.30 (Terço): Sidónio Ferreira da Silva e pais  
 19.00 (Matriz – Intenções colectivas):  
 - Dra. Clementina Rosa Rego Graça Esteves  
 - Pedro Jorge Magalhães dos Santos  
 - Dinis Augusto Rodrigues (7.º dia)

**SEXTA, 6 – S. Nuno de Santa Maria**

Leituras: Filip 3, 17-4,1  
 Lc 16, 1-8

09.00 (Senhor da Cruz – Intenções colectivas):

- António Pereira  
 15.30 (Terço): Almas do Purgatório  
 19.00 (Matriz): Em honra de São Nuno de Santa Maria

**SÁBADO, 7 – Santa Maria**

Leituras: Filip 4, 10-10  
 Lc 16, 9-15

09.00 (Senhor da Cruz): Albertina Costa Martins e António Fernandes Costa

17.30 (São José): Agonizantes e moribundos

19.00 (Matriz – Intenções colectivas):  
 - Amélia Alda Amaral Neiva  
 - Bernardino Pereira da Costa e familiares de Tereza Carreiras  
 - Maria de Lurdes Figueiredo Torres  
 - Cecílio Cachada Magalhães

**DOMINGO, 8 – XXXII DO TEMPO COMUM**

Leituras: Sab 6, 12-16  
 1 Tes 4, 13-18  
 Mt 25, 1-13

09.00 (Senhor da Cruz): Deolinda da Silva Gomes Sá, marido e filhos

11.00 (Matriz): Pelo povo  
 12.15 (Senhor da Cruz): Irmãos da Real Irmandade  
 15.30 (Terço):

19.00 (Matriz): Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Irmandade de Santa Maria Maior

**SOMOS FEITOS PARA A BONDADÉ**

1. Nestes tempos, não podemos deixar de pensar no mistério do mal. Salta à vista que o mal tem muitos tentáculos. Sendo o mal pluritentacular, conseguiremos saber minimamente em que consiste o mal?

2. Afinal, o que é o mal? Sucede que o mal «não é». O mal é o que «não é». O mal é negação. O mal é antigo, mas não é o primeiro. Enquanto negação, o mal supõe o que está antes e é negado depois.

3. O mal existe porque existe o bem e porque há quem não suporte o bem. O mal é, pois, uma agressão que redundava numa ausência.

4. O problema é que se trata de uma agressão persistente e de uma ausência prolongada. Apesar de não ser o primeiro, o mal parece contaminar-nos por inteiro. E, embora não tenha ser, o mal dá sinais de ter um enorme poder.

5. Como é que uma ausência pode dominar tanto a nossa existência? O domínio desta «ausência de bem» (Santo Agostinho) só pode ser explicado por um transtorno: por um implacável «transtorno de ser» (Walter Kasper).

6. É este transtorno que leva a que o mal chegue a ser apresentado como bem (cf. Is 21, 5). Dir-se-ia que, num mundo comandado pelo mal, até os maldosos são

retratados como bondosos. O pior que tem o mal é que a própria maldade permite-se exibir como se fosse bondade.

7. Basta olhar para o que se diz, para o que se escreve e, mais vastamente, para o que se faz. Depressa notamos que vivemos cercados por um oceano de «maledicência», «malescrevência» e «maleficência». E, no entanto, parece que convivemos olímpicamente com isso. Aparentemente, aceitamos — sem grandes sobressaltos — que se diga mal de alguém, que se escreva mal sobre alguém e que se faça todo o tipo de mal a alguém.

8. É certo que o mal não pode ser ignorado. Se falar mal nunca faz bem, falar “do” mal pode ser necessário: para evitar o mal e para vencer o mal. Mas, nesse caso, falemos do mal «com» os outros, sem jamais falar mal «dos» outros.

9. Mal em cima de mal só espalha o mal. Apenas o bem sobrevive ao mal (cf. Rom 12, 21). O mal não é o primeiro e também não será o último.

10. Somos feitos para o Bem. Para bendizer, para bem-fazer e para bem viver. Já basta de maldizer, de mal fazer e de mal viver.

João António Pinheiro Teixeira, In DM 27.10.2020

**FAÇAM O FAVOR DE NÃO IR À MISSA... SE...**

Façam o favor de não ir à missa...  
 Se não é Deus quem vos dá o tempo, Se não é Deus quem vos dá a Vida, Se o domingo é só ... mais um dia!

Façam o favor de não ir à missa...  
 Se o mundo ... tudo vos oferece, Se o mundo... a vossa sede sacia, Se o dinheiro é que vos engrandece;

Façam o favor de não ir à Missa...  
 Se a paz do silêncio vos incomoda, Se a gratidão vos emudece a voz, Se ser católico já passou de moda;

Façam o favor de não ir à Missa...  
 Se querem casas mas não um lar, Se querem graças, mas não a Graça, Se querem receber, sem nunca dar.

Façam o favor de não ir à Missa...  
 Se o vosso “Caminho”, não é Jesus; Se a “Verdade”, não é o Evangelho; Se a “Vida” de santidade, não vos seduz!

Salete Oliveira, Marinhas, outubro 2020

Habitualmente neste espaço seguem informações da vida paroquial, já calendarizadas no Plano anual de Actividades.

Para esta semana, deixamos apenas os títulos que estavam previstos:

MISSA NO CEMITÉRIO –  
 SECRETARIADO PERMANENTE DO C P  
 FORMAÇÃO CRISTÁ DE ADULTOS –  
 VIGÍLIA DOS SEMINÁRIOS –  
 CONSELHO ECONÓMICO –  
 IGREJA QUE SOFRE –  
 DEVOÇÃO DOS PRIMEIROS SÁBADOS –

Para informarmos a todos que ficam suspensas as reuniões e actividades previstas até informação em contrário. Sabemos como a pandemia está a exigir maiores cuidados de dia para dia e que todos estamos sujeitos a sermos infectados.

**VIGÍLIA PELOS SEMINÁRIOS**

Na próxima sexta, dia 6, às 21.15, vai celebrar-se a Vigília de Oração pelos Seminários, na Igreja de S. Pedro e S. Paulo, em Braga (Seminário Conciliar). Devido às contingências da pandemia, haverá transmissão online pelos canais da arquidiocese. Convidamos os paroquianos a entrarem nesta comunhão de oração.

**OFERTAS PARA BOLETIM**

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Anónimo – 5,00  
 - Anónimo – 5,00  
 - Anónimo – 10,00  
 - Anónimo – 20,00

TOTAL DA SEMANA – 40,00 euros

A transportar: 23.633,95 euros  
 Despesas até agora: 31.233,59 euros

**ALIÁS, HALLOWEEN É PARA CATÓLICO OU NÃO?**

Bem, aqui vai uma reflexão que pode destoar um pouco do que estamos lendo nesses dias em várias mídias católicas no grande mar da internet, à medida que nos aproximamos do final do mês.

Por vários anos morei nos EUA. Li e pesquisei muito sobre esse tema. E, principalmente, vivi na cultura do Halloween.

Não vou entrar aqui em toda a questão histórica, nem do Halloween, que começou com os celtas por volta do ano 2300 AC, nem do Carnaval, que remonta às Bacanalias, nem do Natal, que remonta às Saturnalias romanas.

Sobre o tema, cabe dizer antes de tudo: é bastante controverso mesmo entre autoridades católicas. Por exemplo, enquanto o exorcista, Pe Gabriele Amorth, destaca em sua conta de facebook que o Halloween é “o hosana do diabo”, o bispo australiano, Peter Ingham, comenta que “Halloween é uma oportunidade de aprofundar nosso conhecimento de outro aspecto da nossa fé.” No entanto, chama a atenção que é uma festa que remonta os primórdios do cristianismo. Durante as perseguições romanas, ela foi instaurada sobre a festa pagã dos celtas com a finalidade de substituí-la com uma comemoração dos santos mártires. No século oitavo começou a ser celebrada em Roma e no século seguinte se estendeu a todos os santos e a toda a Igreja. A frase do Padre Gabriele Amorth é contundente e tem tido muitos ecos no mundo católico. Porém, não nos esqueçamos que essa afirmação é opinião dele, pois a Igreja nunca se pronunciou oficialmente sobre o tema. Se a Igreja se pronunciasse sobre essa festa, também teria que se pronunciar sobre o Carnaval, sobre o Natal, isso só para citar duas festas de muitas outras. São muitas, de fato, as festas cristãs que têm sua origem na tradição cristã para substituir as festas pagãs.

Deve-se tomar cuidado com as afirmações categóricas tanto a favor quanto contra. Católicos podem ou não participar dessas festas? A Igreja, na sua sabedoria, não fala nem que sim nem que não.

Como existem muitos elementos culturais nessa festa, pode-se, para se entender melhor, fazer um paralelo com a festa do Carnaval, tão enraizada na nossa cultura quanto o Halloween nas culturas saxônicas. Fora do Brasil, a imagem genérica do Carnaval é a de uma orgia geral. Culturalmente, porém, o carnaval acontece de muitas maneiras, algumas são de fato como se pensa fora do Brasil, mas a grande maioria são festas para se dançar músicas típicas e brincar, se resumindo numa festa de alegria. Assim, pode-se dizer que o Halloween não é em si uma festa satânica, como enfatizam alguns artigos comuns nesses dias, mas uma festa que alguns fizeram satânica. Assim como o carnaval não é em si uma orgia, ainda que alguns a fazem. Tudo depende, no meu modesto parecer, de como se participa e onde se participa. Existem exageros, é verdade, mas também existem exageros na comida, no desporto, na dieta... e nem por isso deixamos de comer, ou de fazer desporto, ou ainda de fazer dieta.

O grande segredo para a resposta dessa pergunta se encontra nas virtudes cardeais da temperança e da prudência. A Igreja não enfatiza o vício, mas incentiva à virtude. Por isso, cabe a cada um decidir por si com a devida maturidade e diante de sua consciência. Aos pais cabe decidirem por seus filhos pequenos, e conversar com eles sobre a história das festas, lembrando que além das remotas festas pagãs elas também assumiram raízes cristãs e, aí, dar o enfoque que a família tem e, se possível e conveniente, os motivos do mesmo.

Quando lemos artigos, ou ouvimos pregações, seja de quem for, temos que buscar o que a Igreja diz, para com isso crescer cada vez mais no conhecimento da fé. Coloquemos em nossas orações todos aqueles que fazem celebrações satânicas neste e em outros dias do ano, para que Deus tenha misericórdia de cada um e os conduza ao caminho da única Verdade que liberta.

Texto retirado do blog familiadenazare.wordpress.com

In Lucas Garcia, In Zenit.org, 30.10.2015